

Com as armas da solidariedade

Nas horas vagas, policiais militares ajudam excepcionais e ensinam adultos a ler. Em Ceilândia, soldado dedica-se à comunidade

Marcelo Abreu
Da equipe do **Correio**

Vidas no meio de sangue. O barulho dos tiros já não os incomoda mais. A morte passou a ser cotidiana, quase banal. Mas, nem por isso, perderam a noção dessa mesma vida. Nem fizeram dela um beco sem saída. No meio de tanto sangue, ainda encontraram força para ajudar a quem precisa. Nem tudo pode ser morte.

Roberto Alves Carneiro, Dirson Teixeira Faria, Edson Veridiano e Leobertino Rodrigues Lima Filho. Quatro policiais militares. Quatro homens que, no meio de tanta violência, arregaçaram a manga do uniforme verde-petróleo e, ao invés de arma do dia-a-dia, preferiram a palavra. A ajuda sem cobrança. A solidariedade.

Há oito anos, Roberto decidiu largar o emprego de segurança de um supermercado para ser soldado. Usou uma arma pela primeira vez. Hoje, aos 32 anos, chegou a sargento da 8ª Companhia de Polícia Militar Independente do Distrito Federal (Cpmind). Serve na Ceilândia — numa das áreas mais conturbadas de segurança da cidade.

Conhece cada esquina, cada foco de problema. Em oito anos, é o recordista de flagrantes da PM. Foram, na ponta do lápis, 152 flagrantes. “De homicídios, tráfico de drogas, porte ilegal de arma e estupro”, detalha o sargento Alves Carneiro. E uma constatação: “O pior problema de Ceilândia são as drogas. Isso é que faz o índice de criminalidade ser tão alto”.

Numa madrugada, voltando para casa do trabalho, o sargento foi abordado pelo vizinho. Pedia ajuda. A ca-

sa estava sendo assaltada. “Fui lá e o ladrão disparou em mim. Me defendi e atirei nele”, conta. O assaltante morreu a caminho do hospital. “Eu mesmo levei, mas ele não resistiu.”

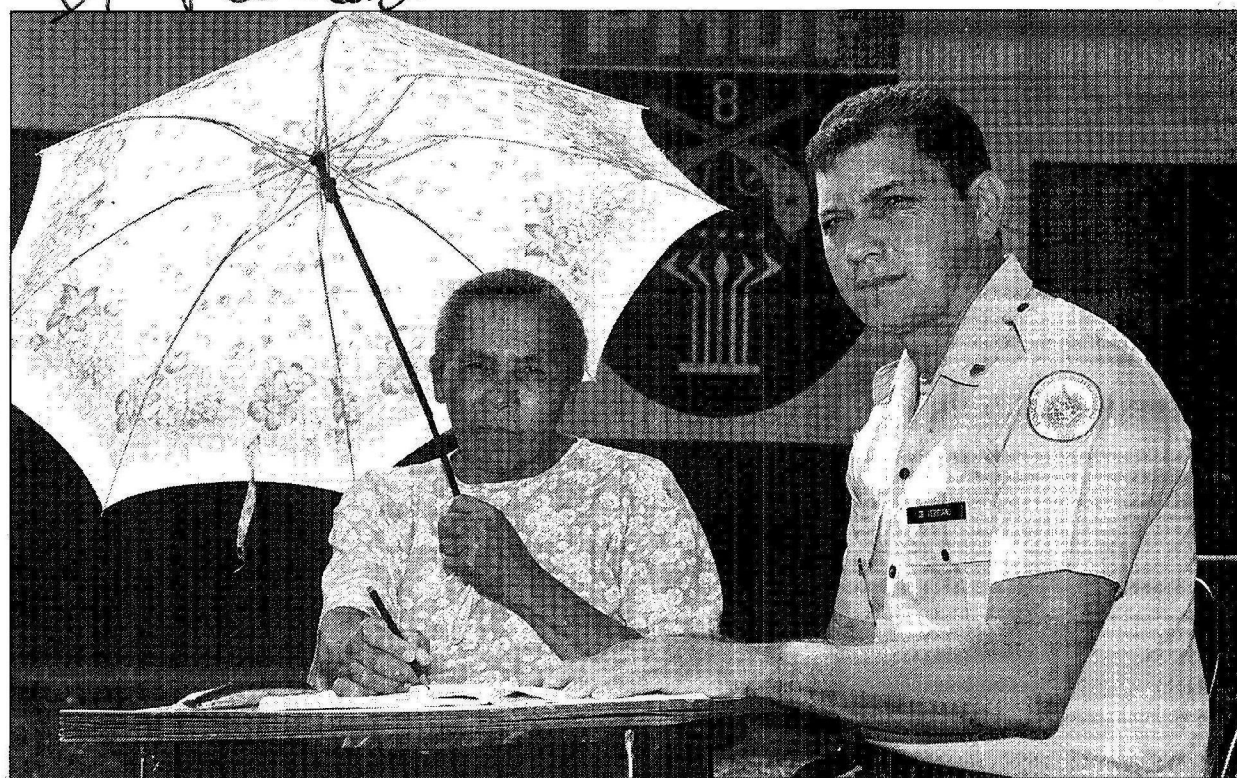
A bala que o assaltante disparou no sargento ainda está alojada nas suas costas. “O médico acha melhor não mexer. Está muito perto da coluna.” Foi aberto processo e o promotor público arquivou a denúncia contra o então cabo alegando “legítima defesa e estrito cumprimento do dever.”

O sargento Alves Carneiro continua trabalhando em Ceilândia. Ganha R\$ 1.500 por mês e fez amigos por toda a cidade. Hoje é uma espécie de confidente dos problemas daquela comunidade. “Não vejo nenhum mérito nisso, mas tenho orgulho de ajudar as pessoas. É a missão maior do policial”, constata.

Casado, três filhos, Alves Carneiro vive a PM mesmo estando de folga. “Ele fala em trabalho 24 por dia. Só não dorme de uniforme porque não deixo”, entrega a mulher, a dona-de-casa Nádia Cristiane dos Santos Alves, de 35 anos. Ele ouve e tenta explicar: “Sou um vibrador. Gosto do que faço, gosto da minha profissão”. E deixa escapar um sonho: “De um dia passar pela Ceilândia e não ter nenhuma ocorrência, não ver ninguém drogado”. Sonhar não faz mal a ninguém.

AJUDA AOS EXCEPCIONAIS

Há 21 anos, ele é militar. Há mais de 30 se viu no meio de doentes mentais. A vida toda sempre teve uma única certeza: “Iria ajudar as pessoas”, admite. O sargento Dirson Teixeira Faria, de 42 anos, dedica parte de suas horas e dias de folga para



O cabo Edson participa de projeto de alfabetização e ensina dona Selina a ler e a escrever: “Ele foi meu anjo da guarda”

tomar conta de um abrigo para excepcionais em Ceilândia.

Hoje, são 72 internos — com idades de 10 a 72 anos — que, sem famílias e nenhuma referência, geralmente largados em hospitais, rodoviárias, no meio da rua —, vão para lá e ficam até o fim da vida.

“Cada dia vivo uma nova emoção aqui”, confessa ele, com os olhos marejados. O homem que começou a vida militar correndo atrás de bandidos perigosos hoje cuida de quem nem sabe por que vive. Quando sai da Academia de Polícia Militar, onde está lotado, corre para o abrigo.

Mirrado, 1,64m, 56 kg, a luta maior do sargento Dirson não está na rua, mas em não deixar que as portas do abrigo se fechem. “A casa sobrevive com o convênio entre a Fundação do Serviço Social (FSS) e doações da comunidade”, diz o evangélico da Assembléia de Deus.

Há três anos, foi homenageado

com a medalha de Tiradentes — a maior condecoração da PM. “As pessoas deveriam ver não policial um aliado e não um inimigo. Tem muita gente boa e séria na corporação.”

O POLICIAL DO SABER

Há cinco anos, o cabo Edson Veridiano, de 39 anos, notou uma coisa impressionante. Quando mandava cartas para os pais dos meninos que faziam o curso de guarda-mirim, eles não compareciam. Motivo? Não sabiam ler.

Num galpão comunitário de Ceilândia, o cabo Veridiano mais duas colegas da PM resolveram ensinar esses pais a ler e escrever. O projeto guarda-mirim acabou, mas deu-se o início de outro: a alfabetização de adultos.

Há quatro anos, o projeto — que tem o apoio da Universidade Católica de Brasília — já alfabetizou mais de mil alunos. “Com idades de

20 a 98 anos”, informa Veridiano.

É o caso de dona Selina Linas Ramos, de 52 anos, viúva, sete filhos. Há três anos ela frequenta a escolinha — que funciona numa sala da 2ª Companhia de Polícia Militar Independente, na EQNP 26/30, em Ceilândia.

“Eu não sabia nada. Nem meu nome escrevia. Hoje, escrevo ele todo, faço conta e estou começando a ler. Parece que a vida se abriu pra mim”, comemora. “O cabo Veridiano foi meu anjo da guarda.”

E não pára por a dedicação do cabo à comunidade. Ele ainda arruma tempo para ser voluntário da Associação dos Deficientes Físicos do P Sul e conselheiro do Conselho Tutelar de Ceilândia. Aos domingos, como católico praticante, vai à missa na Paróquia São Pedro. É o ministro da eucaristia. “A PM está cheia de bons exemplos, mas a imprensa de uma forma geral só mostra o negativo da corporação”, queixa-se.

O *tio* dos adolescentes

O começo também foi barra pesada. Perseguição a bandidos, testemunha de crime hediondos, desesperança. Mas ele acreditou que podia haver uma saída. E houve.

O tenente Leobertino Rodrigues Lima Filho, de 31 anos, lotado na Academia de Polícia Militar, dedica-se hoje a um trabalho comunitário em Santa Maria — região carente, com alto índice de criminalidade e jovens envolvidos com drogas.

Com apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), ele foi dos que lutaram para a criação da organização não-governamental Convidas. A ong não atende só aos jovens, mas às suas famílias. São cursos de cabeleireiro, diaristas, aleita-

mento materno, agente de saúde, violão, futebol e campanhas contra as drogas junto às escolas.

“Em dois anos, atendemos a 1.600 famílias, mais de duas mil crianças e cerca de 500 adolescentes. É uma tentativa de ajudar a quem está situação de risco. O papel do policial não é só correr atrás de bandido. Orientar esses jovens hoje, dando a eles uma perspectiva de vida, é uma forma de diminuir a violência, que, muitas vezes, nasce pela miséria e falta de oportunidade”, avalia. Em Santa Maria, o tenente Lima Filho, que é pai de três filhos, virou *tio* de uma legião de adolescentes. “Isso é muito compensador”, orgulha-se. (MA).